



LUANDA E AS HORAS POR RESOLVER: REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO PÓS-COLONIAL NO CONTO ANGOLANO

Jane Vieira da Rocha

“luanda

*és uma palavra deitada
nas cicatrizes
de uma guerreira bela.”*

Ondjaki

A situação de dominação colonial a que foram submetidos os países africanos não se finda com as independências. Parece-nos muito evidente que o longo período em que a África esteve colonizada permanece expresso em suas formulações políticas e sociais atuais. Pensar de que maneira o processo de colonização encontra ecos no processo de pós-independência é um exercício bastante produtivo quando desejamos compreender as formulações atuais nos países africanos.

Durante os longos anos de dominação colonial, os combates internos no pós-independência, as guerras, as privações, migrações, trânsitos e exílios a representação do espaço nas literaturas de língua portuguesa, em especial a angolana, viu-se em constantes modificações. Schmidt (2009) mapeia algumas das questões centrais para o entendimento da importância da discussão a respeito do espaço no interior das teorias pós-coloniais. De maneira bastante marcada os colonialismos do Norte e do Sul se distinguem em vários aspectos. Entendendo o pós-colonial como um campo heterogêneo, múltiplo e aberto para os diferentes sujeitos enxergamos a necessidade de buscar um pós-colonialismo situado, com a finalidade que o conceito não passe por uma diluição em função de suas características próprias. Como maneira de buscar o *onde* do processo pós colonial, me detenho em pensar a representação dentro do espaço das narrativas dos escritores angolanos João Melo e Ana Paula Tavares.

O debate sobre história, cultura e sociedade em nações colonizadas apresentado pelos estudos pós-coloniais é resultado da necessidade de procurar desmistificar construções problemáticas inerentes aos processos de colonização em diferentes países. O episódio recente da declaração de George Samuel Antoine, ilustra bem a necessidade dos estudos pós-coloniais.

A declaração de George Samuel Antoine, cônsul geral do Haiti em São Paulo, associando a tragédia natural, que vitimou mais de 200 mil habitantes da ilha caribenha, às práticas religiosas dos haitianos, traz em si um pensamento com relação à África, que traduz em grande parte o discurso racista com relação aos africanos. Em entrevista ao canal de televisão brasileiro SBT, afirmou que



as práticas religiosas de vodu, que tem relação com outras manifestações de origem africana como o candomblé e a santeria, seriam as responsáveis pelo terremoto que atingiu o Haiti, em janeiro de 2010. Com um discurso marcadamente racista e preconceituoso, o cônsul apenas fez falar muitas vozes dentro de si. A expressão utilizada por ele apenas revela uma linha de pensamento existente dentro de nossa sociedade e que necessita ser refletida, discutida e resolvida. Os estudos pós-coloniais, entendem que a declaração de George insere-se num amplo contexto histórico em que as formulações sobre o que é *África* e o que são *africanos*, serviu como estratégia de legitimação das grandes barbáries impetradas em solo africano. O esquecido Haiti agora se mostra para todo o mundo, trazendo na catástrofe a sua existência. Galeano(1996) identifica uma tradição racista no Haiti. Nos anos de exploração colonial francesa, o Haiti era “la perla de la corona”, produziu enormes quantidades de açúcar às custas de trabalho escravo e espoliação do solo. Alguns pensadores franceses, como Montesquieu, Hume e Karl von Linneo atribuem características aos negros que depreciam as habilidades físicas e intelectuais, argumentando a incapacidade dos negros de governarem a si próprios e qualificando-os como vagabundos, preguiçosos, insolentes e indolentes.

Os estudos pós-coloniais tem como premissa a noção de que é necessário discutir e combater os discursos hegemônicos e apresentam uma discussão bastante importante sobre a necessidade de uma reconfiguração de modelos de sujeitos pré-estabelecidos. Visando discutir e combater os discursos hegemônicos de nações, Hall observa que

A colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria idéia de um mundo composto por identidades isoladas, por culturas e economias separadas e auto-suficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. (Hall,2003 p.117)

O pensamento do cônsul do Haiti reafirma os discursos hegemônicos com relação à África e aos africanos. Ao falar de *africanos* como uma única significação, ele pausteriza toda uma série de identidades múltiplas. Em seu discurso está representado o pensamento eurocêntrico que fala de maneira negativa das práticas religiosas de origem africanas. Com relação à experiência pós-colonial, Schmidt salienta que

seria empobrecedor e arriscado tentar homogeneizar a experiência pós-colonial, já que ela é, por princípio, heterogênea. Não podemos falar de um sujeito pós-colonial, pois sua identidade resulta da interseção de diversas faces de sua história e de seu presente, que dizem respeito à classe social em que se situa, ao país e à região de onde vem e onde está, à sua posição de gênero, raça e etnia, etc., sendo que todos esses elementos só podem ser vistos em sua complexa rede, densa de historicidade e múltipla em suas localizações.(Schmidt, 2009,p.139)

A partir da percepção da necessidade de discutir e combater discursos semelhantes aos de Antoine é que enxergo a importância, e a necessidade dos estudos pós-colônias. Buscando refletir



sobre as novas formulações contemporâneas com relação ao que é *África*, o que é ser *africano*, *angolano*, *moçambicano*, *cabo-verdiano*, etc, é que apresento o ponto inicial de discussão para a questão do espaço nas narrativas angolanas. Sabemos que os sujeitos apresentam-se em suas multiplicidades e já não é possível que suas identidades sejam diluídas por noções redutoras e binarismos eurocêntricos. Appiah(1997) rejeita “qualquer retrato homogeneizador da vida intelectual africana, porque as etnografias, a literatura de viagem e os romances de outras partes de África” são distintos em exemplos de vida e de pensamento.

Apresento duas possibilidades de observação do sujeito e do espaço pós-coloniais, através dos contos da Ana Paula Tavares e João Melo. A partir das narrativas desses escritores, proponho um percurso através da cidade de Luanda, visando um caminho para examinar algumas das rotas possíveis, na direção da constituição do espaço angolano pós-colonial. As duas narrativas são marcadamente ambientadas em uma Luanda pós-colonial e traduzem olhares e sentires, cada uma de sua forma particular.

João Melo apresenta o seu olhar crítico para a situação da corrupção em seu país, Angola. Escritor nascido 1955, em Luanda, João Melo é poeta, cronista, contista e ensaísta, tendo publicado dez livros de poesia, quatro de contos e um de ensaios. Apresenta em *Os filhos da Pátria* alguns instantâneos do cotidiano angolano. No conto “O elevador” o percurso dos oito andares do elevador expressam as reflexões do narrado sobre os rumos políticos tomados pelo seu país. Construído de maneira irônica, o narrador tematiza algumas das contradições e antagonismos presentes na Luanda independente. A cidade, como expressão máxima dos sonhos de libertação e utopias socialistas é percebida com estranhamento. O encontro de Pedro Sanga com o amigo Soares Manuel João é o que desencadeia as reflexões sobre os rumos políticos de Angola.

O conto apresenta um instantâneo na Luanda pós-independência. O narrador apresenta algumas das contradições advindas do novo *status quo* em sua cidade. No percurso de Pedro Sanga, pelos oito andares do elevador, até chegar ao terraço, através do qual vai ao encontro do amigo, apelidado por Funge com Pão, ele relembra os laços que os uniam. Durante a luta colonial os dois haviam lutado juntos contra a dominação portuguesa. No 3º andar, o narrador apresenta uma reflexão sobre a nova formulação do espaço em Luanda:

Mas o que será amanhã deste país, se os autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes e todos os acumuladores primitivos de capital, os neofundamentalistas, os pseudo-intelectuais e os medíocres de toda a sorte continuarem a ocupar todos os espaços assim? (Melo, 2008, p.12)

O questionamento do narrador nos diz muito a respeito do cotidiano vivenciado por aqueles que acreditaram que a liberdade era necessária para a construção do seu país. A idéia de construção



de um pacto social no pós-independência angolano é evidenciado na literatura angolana e parece ser uma temática que precisa ser discutida, pois carrega consigo algumas questões fundamentais para o entendimento da situação pós-colonial.

Durante a luta de libertação colonial, em Angola, existia a forte aposta em um modelo político, capaz de devolver a decência de tempos imorais. Lutou-se por um modelo político capaz de adequar-se aos sentimentos e desejos do país. Modelo construído coletivamente, unindo esforços de muitos e muitas num mesmo ideal. A ocupação do espaço em Luanda modificou-se brutalmente a partir dos anos 90. Muitos edifícios foram construídos em flagrante contraste com os musseques, habitações de areia, onde vive a maior parte dos caluandas. O conto parte da imagem de um elevador, para alegoricamente e ironicamente desvelar as modificações ocorridas em Luanda. O narrador nos diz que

os elevadores foram um dos artefactos que “o colono levou” após a independência do país-, informe-se que, nos últimos tempos, começaram a ser edificadas alguns prédios completamente novos na cidade, os quais, naturalmente, estão apetrechados com esses equipamentos e não só. (Melo, 2008, p.13).

Com a diluição do projeto socialista e a implantação de outro projeto político-social, as naturais consequências desse novo modelo, também estariam em evidência, na capital angolana. O fosso social alarmante existente em Angola, nos mostra os reflexos de um modelo neoliberal, que não condiz com a real situação do país. As classes sociais emergentes, os *novos-ricos*, se beneficiam da riqueza advinda das riquezas naturais, o petróleo e os diamantes, porém 80% da população ainda permanece excluída.

Segundo Chaves(1999), a sociedade angolana viveu convulsivamente os dilemas e as impossibilidades a que está sujeito um país em construção. Após décadas de guerra, o panorama é ainda feito de anúncios de paz que se sucedem sem que a população consiga ver além da destruição impiedosa das cidades, dos massacres no campo, da inviabilidade da vida intensificando o sentido de urgência de quem não ousa prever a hora seguinte.

O conto retrata as contradições advindas do novo modelo econômico implantado no país. Sobre os amigos, o narrador comenta que “Pelos vistos, ambos tinham combatido contra o *status quo* colonial, mas o novo *status quo* que queriam edificar no país não coincidia.” (Melo, 2008, p. 14-15)

O desfecho do conto revela que o encontro dos amigos resulta em uma negociação corrupta brindada com champagne. Pedro Sanga, confuso e desmoralizado vomita diante do cenário, e o amigo pergunta:“Epá, não me digas que as alturas te fazem enjoar?!”(p. 26) Através da irônica pergunta de Funge com Pão, é que claramente podemos perceber a relação de Pedro Sanga com o



espaço. Esse espaço novo luandense, dos prédios edificadas, do luxo, das corrupção, dos novos ricos, da prostituição são indigestos ao seu estômago. É a percepção desse novo espaço que traz a memória os tempos vividos na utopia socialista, a luta colonial, o desejo de liberdade, de igualdade, de mudança, da construção de um país justo. Mergulhados no novo *status quo* neoliberal, muito distinto dos desejos da utopia socialista, os personagens do conto representam o aspecto hostil do novo modelo em que o Estado se alia aos interesses das empresas estatais.

O encontro de Pedro Sanga e Soares tem a finalidade de uma negociação entre o Estado, representado por Pedro Sanga, o secretário geral do Ministério e o *Camarada Excelência*, (como o amigo, Funge com Pão, gostava de ser chamado) administrador de empresas. Por fim, os dois amigos acabam negociando as mercadorias que serão compradas pelo Estado, cada qual obtendo lucro com a transação corrupta. Chaves, a esse respeito observa que

com o neoliberalismo instala-se o jogo do “salve-se quem puder”. A ordem é acumular e cada um há de usar o capital de que dispõe. Aos que estão no centro do poder ou em suas imediações apresenta-se o recurso de privatizar em seu próprio nome os bens públicos que deveriam administrar. Se o Estado de orientação socialista mostrava-se ineficiente, o modelo que o vai substituir será baseado, na apropriação indevida, na capitalização do prestígio pessoal ou institucional, nas técnicas da rapinagem ali cobertas pelos eufemismos que o próprio sistema elabora para se autojustificar. O quadro apresentado não deixa margem para expectativas outras. O enfraquecimento do poder público, apontado pela cartilha neoliberal como um fator de progresso, depara-se com uma sociedade civil desorganizada, despreparada para regulamentar, fiscalizar, corrigir abusos. Insidiosamente a descrença transforma-se na nota dominante e eleva-se como força mediadora das relações entre os homens. (Chaves, 1999, p.230)

Profundamente desiludido e nauseado com os novos rumos políticos de seu país, o personagem de Pedro Sanga possui um sentimento aterrador de desespero. O personagem se vê preso à uma grande teia de aranhas da qual não consegue se desvencilhar. Atemorizado e confuso, o personagem enxerga a “degradação do projeto social anunciado pela propaganda anticolonial” (Afonso, 2004, p.400). Diante deste cenário, a cidade “representa a continuação das injustiças legadas pelo passado colonial, a traição da utopia revolucionária.” (p.397).

Em “Receita para ultrapassar os domingos”, Ana Paula Tavares oferece um percurso poético, em que cada passo do caminhar indica um gesto, um ritual, uma ação, associados aos odores de plantas e ervas. É um convite ao futuro presente, um desejo de suavizar cicatrizes amargas. Para a população angolana, que vivenciou sofreres contínuos, a privação de liberdades, a dominação colonial, as guerras civis e atualmente acompanha as consequências desse passado, a receita da escritora atua como uma loção mágica capaz de reinventar o tempo e o espaço angolano. Ela sugere um percurso:

Desce manso à cidade, na hora em que a noite indecisa se embrulha do terceiro pano e de joelhos compõe a cabeleira, retira do rosto os restos de luz e se recolhe tensa das horas por resolver. Não te deixes tentar pelas mãos de cacimbo que, de tão frescas, te poderão recolher, de novo, para o sítio dos sonhos onde as rosas de verdade nos podem explodir no peito. (Tavares, 2001, p.37)



As “horas tensas por resolver” representam os conflitos advindos do período de guerras e disputas por poder, as situações de abandono e miséria em que se encontra a própria cidade. Para essas “horas” é que a narrativa vai se desenvolvendo e remediando. O ritual proposto pelo conto pede para a cidade que ela arrume o quarto, “varrendo as cinzas da véspera”(p. 37). Através dessa receita para o vazio deixado pelo pós-guerra é que o conto vai reinventando o espaço da Luanda. “A nossa cidade anda perdida de si mesma e não é só velhice, é antes um esquecimento que se instalou e a trata mal”(p. 38).

A cidade de Luanda aqui aparece como uma imagem para falar das próprias mulheres e da situação de abandono que elas vivenciaram durante o período das guerras. A reflexão de que a situação das mulheres “não é só velhice, é antes um esquecimento”, nos remete ao conto “As mais-velhas”. Aqui as mulheres aparecem representadas pela figura da voz da mais-velha, a mulher que possui uma experiência sobre a vida em seus sabores e desabores. No conto, Ana Paula Tavares tematiza a relação entre as mulheres mais velhas, que possuem uma forte relevância dentro das sociedades angolanas, e a cidade de Luanda. Neste conto observamos a construção do sujeito feminino através da representação das mais-velhas. O retrato da mulher angolana na sua sabedoria máxima, na voz da experiência.

Inicia tratando do destino que acompanha as mulheres: “Crescem sob o signo das sobreviventes, com a testa marcada pela estrela em brasa das vacas eleitas para serem mães, mulheres, irmãs.” (p. 79) Em um tom profundamente poético e terno homenageia essas mulheres que

“por vezes e sem que se note muito param, entre o dia e a noite, um momento, para passar, em forma de história, provérbio ou adivinha, as fórmulas de sobrevivência, lições de parentesco, lugares de culto, os nomes do caminho.” (p.80)

Sobre essas mulheres, que pelas palavras, pelas estórias, pelos ensinamentos, pela tradição oral de contar é que Ana Paula Tavares, através de suas palavras, faz viver todas essas mais-velhas que “um dia fazem a trouxa”, “desistem de viver devagarinho e fazem o caminho de regresso com passos ainda mais pequenos.”(p.80). Nas fórmulas de sobrevivência que, assim como a nação angolana está carente, também as mulheres, que nas sociedades coloniais foram duplamente colonizadas (Bonnici, 2009, p. 266), é que os rostos e corpos das angolanas tomam forma. A temática do universo feminino está bastante presente nas escritas de Ana Paula Tavares. Em entrevista ao crítico Michel Laban a escritora fala que a situação da mulher chamou-lhe a atenção desde sempre,



“ a situação da mulher na sociedade africana, da mulher enquanto unidade de produção fundamental dessa mesma sociedade, da mulher em torno da qual tudo girava e que, ao mesmo tempo, parecia um ser nada importante em relação a essa mesma sociedade.”

Em “Edith Södergran” Ana Paula Tavares nos revela os seus segredos e diz: “Quando respiro, reponho vozes de mulheres de corpos maltratados e mãos prontas para começar o país e plantar, de novo, as árvores do pão, entretanto desfeitas.”(p.43)

Para Chaves, a violência diária e a imprevisibilidade do momento seguinte constituem fatores de perturbação elevada mesmo no cotidiano de uma gente que aprendeu a conviver com a precariedade e o enfrentamento. Tudo levaria ao desânimo, todavia a consciência da amargura desse tempo não permite que se dê a história por encerrada. Por entre os espaços mínimos, a literatura angolana, que se consolidou com o projeto da libertação, vai encontrando brechas para driblar a desesperança.(Chaves, 1999, p. 232)

As utopias sonhadas pela nação angolana parecem adquirir uma feição nova através da literatura que está sendo elaborada por autores angolanos. Parece-nos que diante das dificuldades enfrentadas pela nação angolana, a *receita* servirá de estímulo para o percurso já iniciado, na direção de um horizonte que faça sorrir.

Bibliografia

AFONSO, Maria Fernanda. Configurações discursivas pós-coloniais. In: *__O conto moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

ANTOINE, George Samuel. Entrevista ao canal de televisão SBT. Disponível em <www.youtube.com/watch?v=wQhgagjq5J8>. Acesso em 04 fev. 2010.

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BONNICI, Thomas. Teoria crítica pós-colonialista. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas (3ª. Edição)*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e utopia na história de Angola*. Disponível em <www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_18.pdf>. Acesso em 05 fev. 2010.

GALEANO, Eduardo. *Los pecados de Haiti*. Disponível em <www.patriagrande.net/uruguay/eduardo.galeano/escritos/los.pecados.de.haiti.htm>. Acesso em 01 fev. 2010.

HALL, Stuart. Quando foi o pós colonial. In: *__ Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MELO, João. *Filhos da Pátria*. São Paulo: Record, 2008.



PEPETELA, *O horror ao vazio*. Disponível em <www.pepetela.com.pt/escritosdoautor.php>. Acesso em 12 jan. 2010.

SCHIMDT, Simone. *Onde está o sujeito pós-colonial?* (Algumas reflexões sobre o espaço. e a condição *pós-colonial* na literatura angolana). Disponível em < www.uff.br/revistaabril/revista-02/012_simone%20schmidt.pdf >. Acesso em 5 dez. 2009.

TAVARES, Ana Paula. *A cabeça de Salomé*. Lisboa: Caminho, 2004.

TAVARES, Paula. Entrevista. In: LABAN, Michel. *Encontro com escritores: Angola*. Vol. II. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, s.d.